

Resumo: O artigo quer mostrar a relação entre Nova Evangelização e Liturgia. Para isso, propõe três chaves de leitura da Sacrosanctum Concilium: 1) observar mais o espírito da Liturgia do que as mudanças externas; 2) mais como retomada de um caminho do que como uma inovação; 3) mais como um projeto que pede continuidade do que como uma reforma já acabada. A seguir, responde à pergunta: “Que é Liturgia?” e estuda a relação entre Liturgia e Evangelização. Mostra que a Liturgia é “fonte e cume”, não só “meio e função”, e ela tem um modo próprio de evangelizar: exatamente pela celebração. Respondendo à pergunta: “Como evangelizar pela Liturgia?”, formula bom número de propostas concretas.

Abstract: The article intends to point out the relationship between the New Evangelization and Liturgy. Therefore, three hermeneutic keys are here proposed which are helpful means to read the document Sacrosanctum Concilium. 1st. one should look rather at the spirit of the Liturgy than at external changes. 2nd. It is better to see the renewed way of approach than an innovation. 3rd. It is preferably a project searching for continuity rather than a reform already achieved in its fullness. In the second part, the question “What is Liturgy?” receives its answer, following a study of the relationship between Liturgy and Evangelization. It shows forth an important issue: “Liturgy is the source and high point” and not merely a “means and function”, sharing as well its own mode of evangelization and precisely through the religious celebration. In the answer to the question: “How is evangelization achieved by the Liturgy?” is a resourceful method to discover a good number of concrete proposals.

Nova Evangelização e Celebração Litúrgica à luz da *Sacrosanctum Concilium*

Gustavo Haas*

* O autor é presbítero da Arquidiocese de Porto Alegre, RS, Mestre em Liturgia pelo Pontifício Instituto Santo Anselmo, Roma; presidente da Associação dos Liturgistas do Brasil, ASLI; professor de Liturgia da PUCRS; pároco da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, RS.



A Constituição sobre a Sagrada Liturgia (SC), inicia apresentando os 4 objetivos ou metas do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965): “– fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis; – acomodar melhor à nossa época as instituições que são suscetíveis de mudança; – favorecer tudo o que possa contribuir para a união dos que crêem em Cristo; – promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da Igreja” (SC 1).

Como vemos, este primeiro parágrafo quer ser uma introdução a todos as Constituições e Documentos que o Concílio aprovaria. Não vemos nenhuma referência explícita à liturgia nestes 4 objetivos. Mas o importante, para nós, como introdução para o tema desta conferência é a conclusão deste primeiro parágrafo: **“por isso julga seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Liturgia”** (SC 1).

Bastaria esta afirmação para nos convenceremos de que “nova evangelização e celebração litúrgica” tem “tudo a ver”. Mas, como se realiza esta nova evangelização na, com e pela liturgia? Não há um risco de confundir evangelização e liturgia, ou seja, instrumentalizar a ação sagrada por excelência da Igreja? Pode a liturgia evangelizar?

Ainda como introdução ao nosso tema, creio ser importante termos presente 3 chaves de leitura da SC. Sem estas 3 chaves poderemos ficar presos à letra da SC ou então nos fecharmos ao contexto pré-SC (Movimento Litúrgico) e pós-SC (Reforma Litúrgica). É preciso ler, estudar e aprofundar a Liturgia na SC observando: a) Mais o espírito da liturgia do que mudanças externas, superando o reducionismo; b) Mais como a retomada de um caminho do que uma inovação, procurando situá-la no quadro da história duas vezes milenar da Igreja c) Mais como um projeto que pede uma continuidade do que uma reforma já acabada.

1 O que é liturgia?

Seguindo uma prática do liturgista catarinense Frei José Ariovaldo da Silva, que quase sempre inicia suas exposições recordando a etimologia e o conceito de liturgia, quero também em poucas palavras ajudar a recordar a origem e o uso do termo “liturgia”.

Na Grécia antiga, usava-se a palavra “liturgia” para identificar os mais diferentes tipos de serviços que se prestavam em favor da sociedade. Resumindo, era o “serviço público”. Alguém está cuidando da segurança, promovendo uma festa, prestando culto aos deuses etc.? Os gregos diriam: Está fazendo uma “liturgia”, isto é, um trabalho benéfico em favor das



peças. A todo trabalho benéfico em favor do povo, os gregos chamavam de “liturgia”. Como seria bom a gente começar a perceber que “liturgia”, originariamente e em primeiro lugar, tem a ver diretamente com a vida da gente, com a nossa maneira de servir a Deus e ao próximo.

Na Bíblia, podemos facilmente constatar que existe alguém muito experiente na arte da liturgia, isto é, na arte de servir o povo. Este alguém é Deus! A criação, toda ela, é vista e sentida como uma esplêndida obra do mistério de Deus, um maravilhoso presente, em favor da humanidade, uma imensa manifestação da misteriosa “liturgia” do Criador. Como também é uma maravilhosa “liturgia”, todo o “trabalho” que paciente-mente Deus realizou no Antigo Testamento no sentido de o povo trilhar o caminho da vida, da justiça e da paz. Exemplo: liturgia do êxodo, da aliança no Sinai, da água que brota do rochedo, do maná que alimenta, dos líderes que orientam e conduzem...

“Na plenitude dos tempos” Deus nos faz uma “liturgia” magnífica, o maior serviço que alguém poderia prestar à humanidade: presenteou-nos com seu próprio Filho que se tornou para nós o Caminho, a Verdade e a Vida, o nosso Salvador, com uma proposta que significa a garantia mais certa da vida plena que todos nós sonhamos. Lendo os evangelhos, percebemos que toda a vida de Jesus foi uma vida só de serviço em favor das pessoas ou, como diriam os gregos, uma grande “liturgia”.

Ele mesmo, na total obediência ao Pai, cura os doentes, consola as pessoas, acolhe os pecadores, abençoa as crianças, denuncia as tiranias opressoras, anuncia um novo ano da graça de viver na alegria da liberdade.... Deixa-se “sacrificar” até a morte e morte de cruz, até a última gota do seu sangue pela causa maior, que é a causa da vida, e vida em abundância para todos. Neste sentido, ele é visto como sacerdote, a saber, não pela simples prática de ritos sagrados, mas, na radical obediência ao Pai, pela entrega (“sacrifício”) de toda a sua vida a serviço das pessoas, sobretudo em sua morte, para a salvação do ser humano. Sua ressurreição é a marca definitiva de que este é o culto que mais agradou a Deus, a melhor “liturgia”, digamos. “Ele é ao mesmo tempo, sacerdote, altar e cordeiro”, como rezamos no Prefácio.

E mais, no fim das contas, Deus ainda nos deu o dom do Espírito (outra grande “liturgia”: obra em favor da humanidade!), pelo qual nos tornamos corpo de Cristo, filhos de Deus, família de Deus, povo de Deus, Igreja, raça escolhida e nação santa, povo sacerdotal, habitação



do Altíssimo Senhor, colaboradores diretos do Criador no cuidado do paraíso chamado planeta terra.

É por isso que o Catecismo da Igreja Católica intitula a Liturgia de “obra da Santíssima Trindade (Cf. CIC nn. 1007-1112).

2 Liturgia celebrada

Esta “liturgia”, isto é, toda esta obra maravilhosa de Deus, é celebrada, ela se torna permanentemente “célebre”.

Tudo isso que vimos acima, de certa maneira vem resumido, e com certeza de forma mais perfeita, nos números 5 a 8 da Constituição “Sacrosanctum Concilium”. A saber: A obra da salvação, prenunciada por Deus, é realizada em Cristo (SC 5). Esta *obra* (liturgia!) de Cristo continua na Igreja (Corpo de Cristo, Cabeça e membros!) e se coroa na liturgia celebrada (SC 6). Por isso, Cristo está vivamente presente na celebração da sua liturgia: em toda a assembléia reunida, no sacrifício da missa, na pessoa do ministro, nas espécies eucarísticas, nos sacramentos, na proclamação da Palavra, no ofício divino, quando a Igreja ora e salmodia (SC 7).

E conclui o documento conciliar: “Realmente, em tão grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua esposa diletíssima, que invoca seu Senhor e por ele presta culto ao eterno Pai. Com razão, pois, a Liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, *mediante sinais sensíveis*, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do ser humano; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros. E disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja” (SC 7). E, assim, já antegozamos a plenitude da liturgia celeste da Jerusalém celeste, para onde todos peregrinamos (SC 8).

3 Mediante sinais sensíveis

Aqui, podemos evocar aquela passagem do evangelho, em que uma mulher, com problema de hemorragia há vários anos, toca a roupa de Jesus. Ela faz isso, na esperança de ficar curada. Jesus, percebendo a força que saía dele, pergunta: Quem me tocou? (cf. Mt 9,20-22; Mc



5,25-34; Lc 8,43-48). E nós poderíamos ainda perguntar: Quem a mulher tocou quando tocou na roupa de Jesus? Para a tradição cristã, a força que habita Jesus não é apenas uma força psíquica, é a força do próprio Espírito de Deus. Jesus é reconhecido, na fé, como o Emanuel, o Deus-conosco, o Filho de Deus, o Verbo feito carne, vivendo nossa vida humana divinamente; vivendo a vida divina humanamente.

Ver Jesus, ouvir Jesus, tocá-lo..., é ver, ouvir, tocar Deus! Para se comunicar com os humanos, para salvar a humanidade e propor e possibilitar uma vida de intimidade, de comunhão, Deus teve que se tornar audível, visível, palpável..., ao alcance de nossos ouvidos, de nossos olhos, de nossas mãos! Deus teve que nos tocar e se deixar tocar em Jesus, o Cristo. E isso acontece hoje, na liturgia celebrada, pelos seus “sinais sensíveis”: Palavra, sinais sacramentais, assembleia, presidência, espaço celebrativo, ícones etc. Na liturgia celebrada (e também vivida pela caridade!), o Ressuscitado, pelo seu Espírito, continua marcando sua presença amorosa em nós e entre nós (somos o seu corpo!), “tocando-nos” com sua presença solidária e libertadora. Obra maravilhosa!... Divina liturgia!¹

4 Liturgia é também anúncio e caridade

É muito oportuno recordar o que o Catecismo da Igreja Católica nos diz no seu número 1070: “A palavra ‘liturgia’ no Novo Testamento, é empregada para designar não somente a celebração do culto divino, mas também o anúncio do Evangelho e a caridade em ato. Em todas estas situações, trata-se do serviço de Deus e dos homens. Na celebração litúrgica, a Igreja é serva à imagem do seu Senhor, o único ‘liturgo’, participando de seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e régio (serviço da caridade)”

Em outubro de 2012 foi realizada a XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos com o tema “a nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”. Na mensagem ao Povo de Deus que os bispos participantes desta Assembleia escreveram (27/10/2012) encontramos interessantes

¹ Cf. José Arioaldo da SILVA, *A Liturgia como fonte da catequese*. Palestra proferida na Semana de Liturgia 2006, São Paulo. Texto não foi publicado ainda. Ver ainda – Relação entre Catequese e Liturgia. Uma visão histórico-teológica geral. In: SIVINSKI, Marcelino; SILVA, José Arioaldo da (Orgs.). *Liturgia no coração da vida*. Comemorando a vida e ministério litúrgico de Ione Buyst. São Paulo: Paulus, 2006, p. 133-159. – Catequese e Liturgia: A partir da Liturgia um verdadeiro “eco” do mistério. In: CNBB. *Liturgia em mutirão*. Subsídios para formação. Brasília: Edições CNBB, 2007, p. 223-225. – Catequese e Liturgia. In: CNBB. *Liturgia em mutirão II*. Subsídios para formação. Brasília: Edições CNBB, 2009, p. 17-19.



afirmações que nos apontam para a a compreensão da liturgia não apenas no seu aspecto ritual mas, na mesma concepção que lembramos há pouco, onde faz-se uma ligação entre liturgia e evangelização:

“Guiar os homens e as mulheres do nosso tempo a Jesus, ao encontro com Ele, é uma urgência em todas as regiões do mundo, de antiga e de recente evangelização. (...) A fé se decide toda na relação que instauramos com a pessoa de Jesus, o primeiro que vem ao nosso encontro. A obra da nova evangelização consiste em repropor ao coração e à mente, não poucas vezes distraídos e confundidos, dos homens e das mulheres do nosso tempo, ante de tudo a nós mesmos, a beleza e a novidade perene do encontro com Cristo. (...) A Igreja é o espaço que Cristo oferece na história para poder encontrá-lo, porque ele confiou a sua Palavra a ela, o Batismo que nos torna filhos de Deus, o seu Corpo e o seu Sangue, a graça do perdão do pecado, a experiência de uma comunhão que é reflexo do próprio mistério da Santíssima Trindade, a força do Espírito que gera caridade para com todos. (...) A beleza da fé deve resplandecer, sobretudo, nas ações da Sagrada Liturgia, antes de tudo na Eucaristia dominical. Precisamente nas celebrações litúrgicas a Igreja revela de fato o seu rosto de obra de Deus e torna visível, com as palavras e os gestos, o significado do Evangelho. Depende de nós tornar concretamente acessíveis as experiências da Igreja, multiplicar os poços para os quais convidar os homens e as mulheres sedentos e ali fazer com que encontrem Jesus, oferecer oásis nos desertos da vida”².

Oxalá todos os cristãos, especialmente nossas equipes de pastoral litúrgica, a começar pelos que presidem as nossas celebrações, tivessem essa consciência de que a liturgia é essencialmente “encontro”: de Deus conosco, nós com Deus, nós com nossos irmãos – “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!”.

Não somos donos da Liturgia ou seus proprietários. Ela é sempre um dom que nos é oferecido gratuitamente.

5 Relação Liturgia e Evangelização

Muitas vezes a liturgia foi reduzida à categoria de instrumento pedagógico, revelando um conceito utilitarista do culto da Igreja. A categoria essencial da Liturgia é a gratuidade e não a utilidade. “Gratuidade é talvez a palavra *menos inadequada* para expressar o mistério do homem

² *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. Edições CNBB: Brasília, 2013, números 2 e 3.



e o mistério de Deus, significando pureza de amor, liberdade, ausência de cálculo. É necessário criar uma pedagogia da gratuidade neste mundo da utilidade e da necessidade”³.

A evangelização não é a finalidade primeira da liturgia. Ao contrário, deve precedê-la, como lemos na SC 9: “A Sagrada Liturgia não esgota toda a ação da Igreja. Pois, antes que os homens possam achegar-se da Liturgia, faz-se mister que **sejam chamados à fé e à conversão**: ‘como invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão sem terem ouvido falar d’Ele? E como ouvirão se ninguém lhes pregar? E como se pregar se ninguém for enviado’ (Rm 10, 14-15)”. Segue o texto falando do anúncio que a Igreja faz a todos as pessoas, chamando à conversão. Com a fé, a Igreja os dispõe aos Sacramentos, à caridade.

Toda celebração litúrgica, e em primeiro lugar a Eucaristia, é e deve ser o momento culminante de nossa oração gratuita a Deus, em resposta à suprema gratuidade da vocação cristã, da redenção e do amor de Deus.

5.1 A liturgia é “fonte e cume” – não só meio ou função

A redescoberta da Liturgia como ‘cume’, e, como ‘fonte’, “na evidência que este princípio continuamente repetido alcançou por parte da opinião eclesial, corre o risco de se tornar o refrão de uma retórica insuportável, se não é claramente percebido como a negação radical de toda forma de ‘instrumentalização’ e de ‘funcionalização’ da liturgia. Em outras palavras: afirmar que a liturgia é cume e fonte de toda a ação da Igreja, significa que a liturgia não é ‘mídia’! Que as razões de sua simbólica e de sua ritualidade, não estão ‘a serviço de outra coisa’, e sim coincidem com a comunhão com Deus, não na sua totalidade histórica e escatológica, mas, na sua antecipação e em sua plenitude, em seu início e em seu fim”⁴.

Toda celebração acontece na gratuidade. Uma das categorias para compreendermos a realidade da celebração é a “festa”. Toda festa é uma ruptura com o tempo ordinário. Também a liturgia tem este caráter: “Na liturgia terrestre, antegozando, participamos da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinos, nos encaminhamos” (SC 8).

³ M. RAMOS. Evangelização e Liturgia. In *Dicionário de Liturgia*, pág. 424.

⁴ Andrea GRILLO. *Conferência no Seminário Nacional de Liturgia*, fevereiro de 2010. Ainda não está publicado.



Aliás, vale um alerta sobre esta expressão “**liturgia celeste**” quase não mais usada, na intenção de desmitologizar a fé e a própria celebração. Segundo Jean Corbon, “ignorar a liturgia celeste seria recusar a tensão escatológica da Igreja, instalando-se neste mundo (secularismo) ou dele fugindo (pietismo). Levaria também a separar a Liturgia da vida, porque a Liturgia celeste não é outra liturgia paralela, ao lado daquela que cremos ser a nossa neste tempo em que vivemos. Ignorar a liturgia celeste é, no fundo, esquecer que a plenitude do tempo invade incessantemente nosso velho tempo para dele fazer os ‘últimos tempos’. É, por fim, recuar até antes da ressurreição e recair numa ‘fé vazia’. Fixar-se na imagem espacial para coisificá-la ou recusá-la faz, com efeito, recair no velho esquema religioso do homem carnal – a divindade de um lado e o homem do outro –, quando o ‘Reino dos Céus’ já está aqui, no meio de nós, dentro de nós”⁵.

5.2 Mas a liturgia tem um modo próprio de evangelizar!

Em simples e diretas palavras: A LITURGIA ANUNCIA A BOA NOVA CELEBRANDO A BOA-NOVA!

Diz-nos SC 33: “Embora a Liturgia seja principalmente culto da Majestade Divina, encerra também grande ensinamento ao povo fiel. Pois na Liturgia, Deus fala a seu povo. Cristo anuncia o Evangelho. E o povo responde a Deus, ora com cânticos, ora com orações. (...) Portanto, não só enquanto se lêem aquelas coisas ‘que foram escritas para o nosso ensinamento’ (Rm 15,4), mas também enquanto a Igreja reza, ou canta ou age, é que se alimenta a fé dos participantes e suas mentes são despertadas para Deus, a fim de lhe prestarem um culto racional e receberem com mais abundância a sua graça”.

Este número 33 da SC introduz os princípios gerais da reforma litúrgica a partir da índole didática e pastoral, que são a estrutura das cerimônias (34), a Sagrada Escritura, Pregação e catequese litúrgica (35) e a língua litúrgica (36).

Interessante o cuidado que a SC tem com a estrutura das cerimônias: “resplandecem de nobre simplicidade, sejam transparentes por sua brevidade e evitem as repetições inúteis, sejam acomodadas à compreensão dos fiéis e, em geral, não tenham muitas explicações” (34). *Em outras palavras, o próprio rito, símbolo, gesto, canto ou oração transmitem*

⁵ Jean CORBON. *Liturgia de Fonte*. Paulinas: São Paulo, 1980, pág. 45.



aos participantes o conteúdo da celebração. Em si mesmas, pela sua própria natureza, são anúncio do mistério da salvação e precisamente a fidelidade com que são celebradas implica na evangelização.

Para tanto, 3 cuidados especiais (cf. SC 35):

- a) com a **Sagrada Escritura**: “mais abundante, variada e apropriada”;
- b) **homilia**: é um ministério que faz parte da ação litúrgica, tem como fonte a Palavra e a Liturgia, é a proclamação das maravilhas divinas na história da salvação ou no mistério de Cristo, que está sempre presente em nós e opera;
- c) **catequese mais diretamente litúrgica**.

Termina pedindo um incentivo às **celebrações da Palavra de Deus** (nas vigílias das festas, dias de semana do Advento e da Quaresma, também nos domingos e dias santos, sobretudo onde não se celebra a Eucaristia). Acrescenta, por fim, que o uso da língua vernácula é muito útil ao povo (36).

“Também na resposta do povo redimido a liturgia reproduz, convertida em oração, a plenitude do kerigma em todas as suas dimensões: histórico-salvífica, cristocêntrica, pascal e escatológica, reprodução que é particularmente expressiva na oração eucarística”⁶.

Evangelizar significa “apresentar uma Pessoa, o anúncio de fatos salvíficos, o convite a aceitar essa Pessoa e esses fatos como a salvação oferecida por Deus, aceitação que compreende o compromisso de colocar em prática as exigências de vida que tal salvação implica. A liturgia é, por si mesma, presencialização de Cristo salvador; não só anúncio, mas juntamente anúncio e realização desses fatos salvíficos que nos tocam hoje.”

Eis o que lemos na **SC 6**: “Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, *não só* para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica. Pelo Batismo, somos inseridos no mistério pascal de Cristo; toda vez que comemos a Ceia do Senhor, anunciamos a morte do Senhor até que Ele venha; no dia

⁶ M. RAMOS, op. Cit., pág. 424.



Pentecostes, a Igreja ‘apareceu ao mundo’ e ‘perseveravam na doutrina dos Apóstolos, na comunhão da fração do pão e nas orações, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo’ (At 2,41-42.47) (cf. SC 6). “Nunca, depois disso, a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal” (SC 6).

Completa o Papa emérito Bento XVI: “A melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada. Por sua natureza a liturgia possui uma eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado” (*Sacramentum Caritatis*, 64).

Completo este ítem lembrando o Catecismo da Igreja Católica, números 1074-1075 que resumem muito bem esta relação entre liturgia e catequese, liturgia e evangelização: “A liturgia é o lugar privilegiado da catequese do povo de Deus. A catequese está intrinsecamente ligada a toda a ação litúrgica e sacramental, pois é nos sacramentos e, sobretudo, na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude para a transformação dos homens.... A catequese litúrgica tem em vista introduzir no mistério de Cristo, procedendo do invisível para o visível, do significativo para o significado, dos sacramentos para o mistério”.

6 Como evangelizar pela liturgia?

Recorro novamente à Mensagem ao Povo de Deus na conclusão do Sínodo sobre a Evangelização: “Não se trata de inventar novas estratégias, como se o Evangelho fosse um produto para se lançar no mercado das religiões⁷, mas de redescobrir os modos como, na vicissitude de Jesus, as pessoas se aproximaram dele e por ele foram chamadas para inserir aquelas mesmas modalidades nas condições do nosso tempo” (no. 4). Citam como exemplo: os pescadores à beira da praia, a curiosidade de Zaqueu, a doença da filha do centurião, o grito do cego de nascença, as lágrimas de Marta e Maria pela morte de Lázaro.

Seria bom termos sempre presente quem vem participar de nossas celebrações: de onde vem, o que estão passando na sua vida, o que significa aquele dia para elas, qual o grande desejo que tem... Pensemos nas missas de 7º. Dia, pais e padrinhos dos batizando, crianças, pais e padrinhos da 1ª. comunhão, os noivos, seus pais e testemunhas, os doentes e seus familiares, as mais diversas bênçãos que nos pedem....

⁷ “Deus é 10, o CD é 20”.



“Administramos os sacramentos” ou, ao menos, tentamos “celebrar os sacramentos” com eles e a comunidade?

No número 5 da referida conclusão, aponta o primeiro passo que deverá ser dado: “mas aí de quem pense que a nova evangelização não nos diz respeito em primeira pessoa. (...) Para poder evangelizar o mundo, a Igreja deve antes de tudo por-se à escuta da Palavra. O convite a evangelizar traduz-se num apelo a conversão”. Notemos bem, “escutar a Palavra”, não apenas as Sagradas Escrituras, mas as preciosas letras e palavras escritas nas páginas da vida, muitas vezes com tinta de sangue, lágrimas, suor, mãos calejadas, pés descalços, corações feridos... Como é importante repetir e jamais cansar de repetir o número 1 da *Gaudium et Spes*: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração”.

7 Propostas concretas

Na Lista Final de Propostas do Sínodo sobre a Evangelização é preciso destacar aquelas que relacionam diretamente a Evangelização com a Liturgia. Começamos pela Proposta 35: “A celebração digna da sagrada liturgia, o dom mais precioso de Deus para nós, é fonte da mais alta expressão de nossa vida em Cristo. Ela é, portanto, a expressão primeira e mais forte da nova evangelização. Através da sagrada Liturgia, Deus quer manifestar a beleza incomparável de seu imenso e incessante amor por nós e nós, de nossa parte, queremos utilizar o que seja mais bonito, em nossa adoração a Deus, como resposta a seus dom. No maravilhoso intercambio da sagrada liturgia, na qual o céu desce à terra, a salvação é oferecida, provocando o arrependimento e a conversão do coração. A evangelização na Igreja requer uma liturgia que eleve o coração dos homens e das mulheres para Deus. A liturgia não é só uma ação humana, mas um encontro com Deus que leva à contemplação e à amizade íntima com Deus. Neste sentido, a liturgia da Igreja é a melhor escola da fé”.

Antes de apresentarmos alguns pontos práticos, quero citar os números 59-61 da SC:

“Os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e ainda ao culto a ser prestado a Deus. Sendo sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas por palavras



e coisas também a alimentam, a fortalecem e a exprimem. Por esta razão são chamados sacramentos da fé. Conferem certamente a graça, mas sua celebração também prepara os fiéis do melhor modo possível para receberem frutuosa e a graça, cultuarem devidamente a Deus e praticarem a caridade” (59).

Os sacramentais

“são sinais sagrados, pelos quais, à imitação dos sacramentos, são significados efeitos principalmente espirituais, obtidos pela impetração da Igreja. Pelos sacramentais os homens se dispõem a receber o efeito principal dos sacramentos e são santificadas as diversas circunstâncias da vida” (60).

“Por isso, a liturgia dos sacramentos e sacramentais consegue para o bem dos fiéis bem dispostos que quase todo acontecimento da vida seja santificado pela graça divina que flui do Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, do qual todos os sacramentos e sacramentais adquirem a sua eficácia. E quase não há uso honesto de coisas materiais que não possa ser dirigido à finalidade de santificar o homem e louvar a Deus” (61).

Vamos, pois, lembrar alguns pontos ou situações concretas que poderemos pensar, re-pensar ou retomar a partir desta relação Liturgia e Evangelização:

- a) Sacramentos da Iniciação Cristã:** nas propostas 9, 28, 29, 37 e 38 temos alguns pontos que podem nos ajudar: “Não se pode falar de nova evangelização se a catequese de adultos é inexistente, fragmentada, fraca ou descuidada. (...) As etapas e os níveis do catecumenato na Igreja evidenciam como nos aspectos bíblico, catequético, espiritual e litúrgico, a história de uma pessoa e seu itinerário de fé podem ser entendidos como vocação a um relacionamento com Deus. Em tudo isto, o caráter público da decisão de fé feita pelo catecúmeno, que cresce pouco a pouco na comunidade e na diocese, tem um impacto positivo em todos os fiéis” (Proposta 28). “O Sínodo quer reafirmar que a iniciação cristã é um elemento crucial na nova evangelização e é o meio pelo qual a Igreja, como mãe, gera seus filhos e se regenera. Para isto propomos que o processo tradicional da iniciação cristã, frequentemente transformado simplesmente em uma preparação próxima para os sacramentos, seja considerado em uma perspectiva catecumenal, dando-se maior relevância a uma mistagogia permanente e convertendo-se, assim, em uma verdadeira iniciação à vida cristã através



dos sacramentos” (Proposta 38). Temos de reconhecer que o uso do RICA deu passos significativos em nossa pastoral de iniciação cristã dos adultos. Mas será que não estamos lentos demais? Concordo com meu venerável professor Rooney, que o RICA é um dos ou o mais revolucionário ritual do Vaticano II: mexe com nossa concepção de Igreja, de Pastoral, de Liturgia... E como estamos trabalhando a proposta de Bento XVI expressa no número 18 da *Sacramentum Caritatis* sobre a ordem dos sacramentos da iniciação: “é necessário verificar qual seja a prática que melhor pode, efetivamente, ajudar os fiéis a colocarem no centro o sacramento da Eucaristia, como realidade para a qual tende toda a iniciação”.

- b) **Inculturação litúrgica:** está na hora de retomarmos este desafio, acredito que um dos mais difíceis da renovação litúrgica, e que praticamente desapareceu nos últimos anos... Inculturação é coisa séria, tem a ver com o mistério da encarnação... Interessante: “A Igreja não deseja impor na Liturgia uma forma rígida e única para aquelas coisas que não dizem respeito à fé ou ao bem de toda a comunidade. Antes, cultiva e desenvolve os valores e os dotes de espírito das várias nações e povos” (SC 37). Um exemplo concreto é a dança litúrgica⁸.
- c) **Leitura Orante da Sagrada Escritura** (proposta 11): “a porta da Sagrada Escritura deve estar aberta a todos os crentes. No contexto da nova evangelização, deve-se multiplicar todas as oportunidades de estudo da Sagrada Escritura. A Escritura deve impregnar as homilias, a catequese e todos os esforços para transmitir a fé”.
- d) **Reconciliação:** urge recuperarmos e investirmos no ministério da reconciliação “com serenidade e firmeza” (proposta 14 e 33). É preciso deixarmos claro que a reconciliação não é apenas “confissão”, não é “apagador” de pecados, não é “ficha de caixa” para comungar, não é “desabafo”, “descarrego”, não é “opcional”, não é “casual”. Mas é Sacramento, encontro de duas pessoas: Pai com o filho, experiência de fé, experiência eclesial, experiência humana...
- e) **Cuidado com os enfermos** (proposta 32): O mistério pascal ilumina o sofrimento das pessoas, que podem encontrar na

⁸ Sugiro que se aprofunde o que está no Guia Litúrgico Pastoral, Edições CNBB, pág. 90-92.



cruz de Cristo a compreensão e a aceitação do mistério de sofrimento e a esperança da vida futura. Nossas missas de cura são motivadas por este espírito?

- f) Cuidado com as missas transmitidas pela TV e rádios** (proposta 18), mas já presente na SC 20: “as transmissões, particularmente da Missa, façam-se com discrição e decoro, sob a direção e responsabilidade de pessoa idônea, escolhida para tal ofício pelos bispos”.
- g) Cuidado com a beleza** (proposta 20): “Cristo, o Bom Pastor, é a verdade em pessoa, sinal da beleza revelada, que se dá a si mesmo sem medida. (...) ‘Não se pode amar o que não é belo’ (Agostinho). A beleza nos leva para o amor, onde Deus nos revela seu rosto no qual cremos”. É preciso formar para a beleza (especialmente seminaristas). “É necessário que a Igreja esteja atenta para cuidar e promover a qualidade da arte permitida nos lugares sagrados destinados às celebrações litúrgicas, garantindo tanto a beleza quanto a verdade de sua expressão”.
- h) Valorização do Ano Litúrgico** (cf. Proposta 34): o Ano Litúrgico é o pedagogo do caminho de fé dos discípulos. “O Ano Litúrgico, com suas diversas festas, deve ser acompanhado de um verdadeiro programa de evangelização, principalmente no Natal e na Páscoa”. Mas não ser sufocado pelos meses, semanas e dias temáticos. “A comunidade deve celebrar a sua vida na liturgia (...). Mas deve celebrá-la à luz de Jesus Cristo ressuscitado, vivo, presente e atuante na comunidade, e não à luz de um tema ou uma ideia”⁹.
- i) Piedade Popular** (proposta 39): “a piedade popular é um verdadeiro lugar de encontro com Cristo e também expressa a fé do povo cristão na Santíssima Virgem e nos santos. A nova evangelização reconhece o valor destas experiências de fé e as encoraja como caminhos para crescer na virtude cristã”. Seria importante conhecermos e usarmos mais o Diretório sobre a piedade popular e a liturgia, publicado pela Congregação para o Culto Divino, em 2001.
- j) Música Litúrgica**: “a música litúrgica expressa o mistério de Cristo e a sacramentalidade da Igreja. O gesto sacramental de cantar ‘a uma só voz’ pressupõe a participação ativa, interior,

⁹ CNBB. *Guia Litúrgico Pastoral*. Edições CNBB, pág. 18



consciente, frutuosa, plena de todo o povo sacerdotal congregado no ES, durante a ação litúrgica”¹⁰.

- k) Valorização e formação para a compreensão da eucologia litúrgica:** melhor forma de combater tantas “orações eficazes e poderosas” que nossos cristãos fazem.
- l) Ministérios:** um lugar especial é atribuído a quem PRESIDE uma assembleia, em nome de Cristo. “Também o presbítero, que na Igreja tem o poder sagrado da Ordem para oferecer o sacrifício em nome de Cristo¹¹, também está à frente do povo fiel reunido, preside à sua oração, anuncia-lhe a mensagem da salvação, associa a si o povo no oferecimento do sacrifício a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, dá aos seus irmãos o pão da vida eterna e participa com eles do mesmo alimento. Portanto, quando celebra a Eucaristia, **ele deve servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade, e, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas, sugerir aos fiéis uma presença vida de Cristo**” (Instrução Geral do Missal Romano, no. 93).

Quem preside deve ser um sinal vivo e pessoal do Cristo, Bom Pastor, que cuida das ovelhas dóceis e vai ao encontro das desgarradas. Deve ser fiel às normas litúrgicas e ao povo celebrante. “Quem souber assegurar, através de suas palavras e gestos, a presença de Cristo, Bom Pastor, em meio aos seus, terá assegurado à celebração litúrgica que preside seu impacto evangelizador tanto para os que estão perto como para os que estão longe”¹².

Deveríamos falar ainda dos Diáconos, Acólitos, leitores, comentaristas, cantores, salmistas, enfim todos que desempenham um ministério litúrgico (cf. SC 29). “As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja. (...) Estas celebrações pertencem a todo o Corpo da Igreja, e o manifestam e afetam” (SC 26).

É imprescindível que cada uma das ações de que consta a celebração seja realizada com a máxima autenticidade: no que a liturgia tem de representação e no que tem de sinal manifestativo e expressão de uma vida.

¹⁰ Idem, pág. 78.

¹¹ Cf. Conc. Vat. II, Decr. sobre o ministério e a vida dos Presbíteros, *Presbyterorum ordinis*, n. 2; Const. dogm. sobre a Igreja, *Lumen gentium*, n. 28.

¹² M. RAMOS, op. Cit. Pág. 426. Recomendo a leitura da obra de Enzo Bianchi – *Presbíteros, Palavra e Liturgia*. Paulus: São Paulo, 2010.



8 Conclusão

*“A preocupação de fomentar e reformar a Sagrada Liturgia é tida com razão como sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre nossa época, como passagem do Espírito Santo em sua Igreja; **marcou-lhe com características próprias a vida, e até mesmo imprimiu uma nota em todo o modo de sentir e agir religioso desse nosso tempo**” (SC 43).*

A liturgia evangeliza não apenas os que dela participam plenamente, mas também os que “assistem” ou mesmo àqueles que não tem fé. Todos sentem-se interpelados e perguntam-se pelo significado daquilo que vêem e ouvem. Aliás, o que impacta mais: uma pregação ou uma celebração?

Dizia Pio XII: “Para fazer a fé penetrar no povo e tê-la nas alegrias da vida interior, as celebrações anuais dos Sagrados Mistérios tem uma eficácia muito maior que qualquer outro documento do magistério eclesiástico, até mesmo o mais grave. Esses documentos, com efeito, atingem somente algumas poucas pessoas e as mais eruditas; ao contrário, a liturgia atinge e instrui a todos os fiéis; os documentos falam uma única vez, por assim dizer, mas a liturgia fala a cada ano, ou melhor, perpetuamente; os documentos são endereçados acima de tudo ao raciocínio, mas a liturgia influencia de modo eminente a mente e a alma, isto é, toda a pessoa”.

Chegará o dia em que todos os fiéis participem plena, consciência e ativamente da celebração litúrgica. Esta participação faz parte da natureza da própria liturgia e é direito e dever do povo de Deus, “geração escolhida, sacerdócio régio, gente santa, povo de conquistista” (1 Pd 2,9).

Que todos possamos experimentar o que Santo Ambrósio rezava: “eu te encontro nos teus mistérios!”

Endereço do Autor:

Rua Duque de Caxias, 1047

Centro

90010-282 Porto Alegre, RS